

## Arqueologia viking e nacionalismo: uma análise dos livros de Jens Worsaae (1843-1873)

*Viking archeology and nationalism: an analysis of Jens Worsaae's books (1843-1873)*

Johnni Langer | Universidade Federal da Paraíba

[johnnilanger@yahoo.com.br](mailto:johnnilanger@yahoo.com.br)

<https://orcid.org/0000-0003-3010-2430>

**RESUMO** O artigo apresenta uma análise de algumas obras do dinamarquês Jens Worsaae, procurando verificar como a arqueologia oitocentista e particularmente, os pioneiros estudos sobre a cultura material dos vikings, estiveram atrelados a idealizações nacionalistas desse período. Nosso principal referencial é o da história da arqueologia, especialmente as publicações de Margarita Díaz-Andreu, relacionadas a ideologias políticas na ciência do século XIX.

**Palavras-chave** história da arqueologia – história dos vikings – nacionalismo – Dinamarca – Oitocentos.

**ABSTRACT** *The article presents an analysis of some works by the Danish Jens Worsaae, seeking to verify how nineteenth-century archeology and particularly the pioneering studies on the material culture of the vikings, were linked to nationalist idealizations of this period. Our main reference is the history of archaeology, especially the publications of Margarita Díaz-Andreu, related to political ideologies in 19th century science.*

**Keywords** *history of archaeology – history of the vikings – nationalism – Denmark – 19th century.*

### Introdução

A arqueologia é atualmente uma das ciências mais importantes para o estudo do passado humano. Essa consolidação de seu estatuto científico foi moldada essencialmente no início do século XIX, distinguindo-se do antiquariato anterior e se baseando em novos métodos de datação e técnicas para os achados arqueológicos (Trigger, 2004, p. 71). Nossa presente pesquisa se insere em uma investigação sobre o papel específico da arqueologia viking na obra do dinamarquês Jen Worsaae, no período de 1843 a 1873. Procuramos entender como sua obra foi influenciada pelo *surgimento do nacionalismo como estimulador na criação da arqueologia como ciência*, dentro dos referenciais de Díaz-Andreu e Champion (1996, p. 3-4). Estes autores enunciam três formas específicas de se estudar essa relação: 1) o papel da arqueologia na construção histórica das identidades nacionais; 2) a relação entre formação do Estado nacional e a institucionalização

da arqueologia; 3) a imagem pública da arqueologia. Nos restringiremos na primeira forma, elegendos os mais importantes livros de Worsaae no tema da Dinamarca da Era Viking.

A problemática central de nosso estudo, a relação do nacionalismo com a obra de Worsaae, foi estudada muito pouco ou de forma pontual pela academia em geral. Dessa maneira, a sistematização contextual-bibliográfica que realizamos é original, tanto em dinamarquês, quanto inglês e línguas neolatinas, mas estamos cientes de que novas abordagens e investigações necessitam ser realizadas, especialmente procurando conectar as diversas áreas do conhecimento acadêmico com a história pública do período.

## Os vestígios arqueológicos e a Dinamarca

Desde o século XVII ocorriam expedições para coletar objetos da cultura material (como moedas, armas, utensílios), que aumentaram as organizações de coleções privadas relacionadas a reis e aristocratas dinamarqueses. Nesse momento, as pesquisas eram efetuadas pelos antiquários,<sup>1</sup> que dominaram o panorama acadêmico até a consagração da arqueologia científica durante o século XIX.

Com a sucessiva influência dos ideais da Revolução Francesa e do Iluminismo na classe média, o início do Oitocentos na Europa conheceu nova idealização e importância para as antiguidades – a que os monumentos históricos deveriam ser preservados pelo Estado. Também o movimento romântico e a Revolução Industrial concederam novos valores para a sensibilidade estética e o ambiente no qual os monumentos se situavam. Ruínas e edifícios antigos se tornaram contrapontos para a paisagem natural, signos de novos valores pitorescos, símbolos do destino humano e de valores morais. Os recentes projetos civilizatórios não podiam prescindir de seu passado material: torna-se imperativo que o Estado crie mecanismos para a preservação dos antigos monumentos, em perigo devido ao avanço do progresso: “são a marcha da história, a ideia de progresso e a perspectiva do futuro que determinam o sentido e os valores do monumento histórico” (Choay, 2001, p. 137).

Exatamente nesse contexto, em 1806 o historiador Rasmus Nyerup publicou o livro *Oversyn over Fæderlandets Mindesmærker fra Oldtiden* (Panorama dos memoriais da Pátria desde a Antiguidade), no qual apelou ao governo para que criasse um museu nacional de antiguidades, com o intuito de preservar os monumentos e objetos antigos que estavam descontroladamente sendo destruídos. O seu modelo era o museu francês inaugurado depois da revolução, em Paris (Trigger, 2004, p. 73). Deve-se também levar em conta aqui, o enorme impacto da perda dos dois chifres de ouro de Gallehus, contendo inscrições rúnicas e gravuras, encontrados nos séculos XVII e XVIII e que foram derretidos em 1802 por um funcionário do palácio de Christianborg, em Copenhague.

1 Os *antiquários* eram intelectuais especializados no conhecimento de objetos de arte antiga e nas descrições de monumentos. Eram eruditos de diferentes situações (da média burguesia ou alta aristocracia) e condições sociais (religiosos ou leigos, diletantes ou profissionais, médicos, homens de letras e ciência), sendo unidos pela paixão pela Antiguidade e as artes (Choay, 2001, p. 61-94). Na época dos antiquários a arqueologia ainda não era uma ciência, no sentido de disciplina (Díaz-Andreu; Champion, 1996, p. 9). Os antiquários estavam mais interessados nos registros e nos elementos textuais/literários em sua relação com a cultura material (Birro, 2015, p. 2, 10).

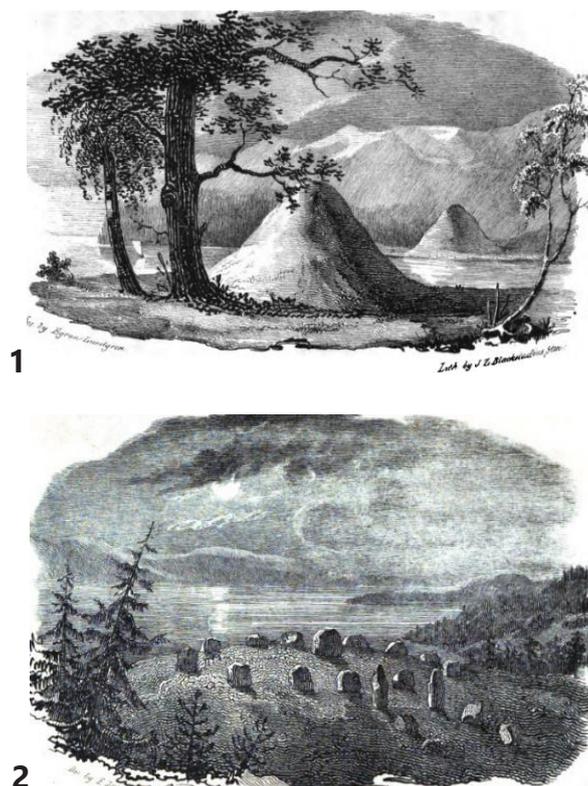
Esses fatores, somados ao grande interesse público por tais vestígios, além do crescente interesse nacionalista pelo estudo e conservação desses objetos, originou em 1807 o *Kongelig Commission til Oldsagers Opbevaring* (Comitê Real para a Preservação de Antiguidades), sendo Nyerup nomeado o secretário. Em 1819, o *Museu Oldnorsdiske* (Museu de Antiguidade Nórdica) foi inaugurado, atendendo ao serviço público na Igreja Trinitatis em Copenhague e em 1832, sendo transferido para um edifício próximo ao palácio real. Dentro do projeto romântico-nacionalista dinamarquês, houve uma tensão entre o desejo de obter artefatos e a transcendência imaginativa desses mesmos objetos: os artistas geralmente interpretavam o passado de maneira mais fantasiosa do que os historiadores e antiquário desse período. Os temas nórdicos, no entanto, eram de interesse comum aos que se dedicavam à arte e a história (Rix, 2015, p. 435; Monrad, 1990, p. 33).

## Inscrições: o embate entre historiadores e arqueólogos

O dinamarquês Jens Jacob Asmussen Worsaae (1821-1885), hoje é lembrado por ter sido o primeiro arqueólogo profissional do mundo e um dos primeiros definidores da arqueologia científica moderna. Ele testou e verificou em campo o *modelo teórico das três idades* de Christian Thomsen, um dos primeiros métodos de datação relativa.<sup>2</sup> Jens Worsaae não se interessava apenas pelos artefatos e sua cronologia, mas pelo seu contexto estratigráfico e seu emprego de pesquisas interdisciplinares – um padrão excepcional para o período. Também foi o primeiro professor de arqueologia da Universidade de Copenhague (Trigger, 2004, p. 78-80).

Worsaae foi treinado desde cedo por Thomsen, desenvolvendo pesquisas voluntárias no então Museu Nacional da Dinamarca, durante os anos 1830. Nesse período, iniciou-se intensamente o estudo dos monumentos antigos do país, como estruturas megalíticas e túmulos (Hare, 2015, p. 17). Os primeiros arqueólogos ligados ao estudo da antiguidade dinamarquesa foram efetivamente Thomsen e Worsaae, ambos ligados ao Museu Nacional – eles entendiam que os vestígios materiais deveriam falar por si mesmo, sem dependência da literatura. Mas a maioria dos historiadores, vinculados à Universidade de Copenhague durante os anos 1820 e 1830, defendiam que a Antiguidade deveria ser estudada primeiro pelo documento escrito, ou seja, uma visão de que a história escrita era superior à cultura material (Gjerløff, 1999, p. 445).

2 As três divisões eram: *Steenalderen* (Idade da Pedra); *Broncealderen* (Idade do Bronze); *Jernalderen* (Idade do Ferro). O substantivo *alder* denota uma demarcação temporal, idade de uma pessoa, período da história, época (Ordbog, 2022). Sua correspondência contemporânea em inglês é *Age* (Schjøler, 2018, p. 15). Em seu texto, Thomsen descreve cada divisão também como sendo *tidsaldere* (Thomsen, 1836, p. 57), unindo o termo *tid* com *alder*, no sentido do latim *Æra* - que nas línguas escandinavas foi incorporado também com a palavra *epoke* (Ordbøkene, 2022). Então, entendemos que o sentido original de sua divisão pode ser interpretado tanto como *idade* quanto *era*, denotando divisões especiais para o contexto histórico abordado. Os métodos de datação criados pelos dinamarqueses no início do século XIX podiam estabelecer uma conexão entre a Antiguidade com a Nação contemporânea (Díaz-Andreu; Champion, 1996, p. 19).



**Figura 1:** Montículo funerário (*Cairn*) identificado como sendo do rei Bele e ao fundo, o suposto montículo de Thorsten Vikingsson (Stephens, 1841, p. 5).

**Figura 2:** Alinhamento de pedras identificado como sendo local de assembleia (*Thing*) (Stephens, 1841, p. 1). As duas ilustrações correspondem a monumentos arqueológicos interpretados unicamente pelas informações contidas nas sagas islandesas, um procedimento típico dos antiquários e historiadores do período. Com o surgimento da arqueologia científica na Dinamarca, os monumentos e vestígios da cultura material passaram a ser pesquisados dentro de referenciais advindos da geologia, métodos de campo e classificações morfológicas da cultura material, levando muitas vezes os pesquisadores a questionarem seus vínculos diretos com determinadas fontes escritas do Medievalo.

Nesse contexto, os antigos monumentos foram estudados de duas maneiras – realizavam-se registros e escavações, tendo as sagas islandesas e crônicas medievais como base principal (pelos antiquários, ver figuras 1 e 2) ou então, os monumentos eram estudados diretamente pelos registros escritos, sem necessidade de verificações em campo (pelos historiadores). De outro lado, escavações e registros levando-se em conta o sistema cronológico de Thomsen e a estratigrafia (pelos arqueólogos). Essa diferença levou a um grande embate nos anos 1830: os historiadores rejeitavam o valor da materialidade, opostos aos arqueólogos, que desprezavam os documentos literários. Um exemplo foi com o historiador Eric Christian Werlauff, criador do conceito de Período Viking,<sup>3</sup> que foi professor de História da Antiguidade e Runologia na

3 *Vikingetiden*. O termo ocorreu pela primeira na revista *Annaler for Nordisk Oldkyndighed*, num artigo de Eric Christian Werlauff (1836-1837, p. 18-61). Baseado em seu sentido contemporâneo, diversos pesquisadores traduziram esta palavra no Oitocentos como sendo *Era Viking* (como em: Féo; Guzzo, 2022, p. 274-299; Langer, 2018b, p. 212-220; Birro, 2013, p. 228-254; Christiansen, 2002, p. 5), mas pesquisando dezenas de textos originais em dinamarquês e sua tradução para o francês, alemão e inglês, descobrimos que no período de 1837 até os anos 1870 ela significou originalmente “Tempo” ou “Período dos Vikings”, sendo tratada como uma extensão tardia da Idade do Ferro (*Jernalderen*) (Worsaae, 1852, p. xxi; 1866, p. 103; 1880a, p. 101; p. 105;

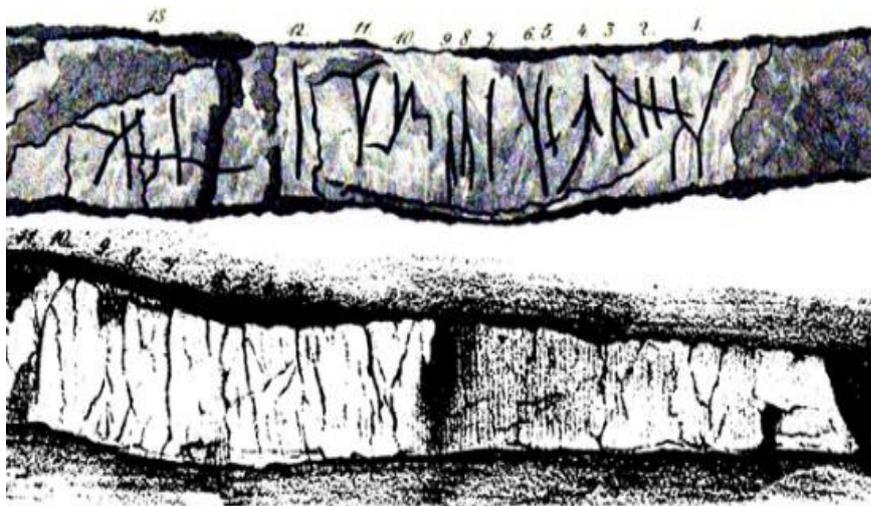
Universidade de Copenhague – cujas aulas tinham como tema apenas os registros antiquaristas e as crônicas e sagas. Já com as aulas ministradas por Christian Molbech temos o oposto: o desprezo pelo valor histórico das fontes literárias e o estudo material da Antiguidade como único suporte verídico para identificar as etnias dos povos nórdicos antigos. Uma questão muito interessante é que nessa mesma época e instituição, ocorriam em paralelo a esse polêmico debate, aulas e cursos sobre mitologia nórdica, demonstrando que existiam pontos comuns na recepção de temas nórdicos (Gjerløff, 1999, p. 419-420).

Essa dicotomia em relação ao passado nórdico também pode ser vislumbrada na obra de outros acadêmicos. O professor de línguas nórdicas e historiador, Niels Matthias Petersen, considerava que os machados de pedras encontrados há séculos por toda a Dinamarca eram símbolos do deus Thor, enquanto os montículos funerários e outros vestígios materiais seriam todos símbolos de Odin; e as inscrições rúnicas eram memoriais dos tempos lendários. A principal base para todas as suas afirmações provinha do mitógrafo medieval Snorri Sturluson (Petersen, 1834, p. 63, 99, 256-257). Ainda ocorria muita influência de historiadores setecentistas, como a concepção evemerista de Peter Frederik Suhm, que percebia os deuses nórdicos como personificações de reis e rainhas dos povos antigos (Hansen, 2020, p. 6). A autoridade e reconhecimento acadêmico dos novos arqueólogos ainda era muito pequena nesse momento, estando esses isolados durante os anos 1830 (Ødegaard, 1994, p. 5), mas aos poucos a área foi se estabelecendo academicamente.

Em 1835 foi descoberto na região de Haraldskær (Jutlândia), um corpo humano, que logo foi considerado um vestígio da rainha norueguesa Gunhilde, assassinada por afogamento em um pântano, segundo a saga islandesa mais popular do período na Dinamarca: a *Jómsvikiga saga*. O rei Frederico VI, também acreditando que se tratava de uma antiga personalidade real, ordenou que o corpo fosse inserido em um sarcófago elaborado. Jens Worsaae, que contava na época com 21 anos, logo contestou essa afirmação em jornais de Copenhague, afirmando que além de ser um corpo muito mais jovem que a rainha descrita na saga, também era muito mais antigo e sem possibilidades de identificação histórica (Rix, 2005, p. 593; Gjerløff, 1999, p. 429). Muitos outros corpos viriam a ser resgatados em pântanos dinamarqueses após 1870, a maioria identificada como sendo da Idade do Ferro, por meio de datações absolutas já no século XX. O corpo feminino de Haraldskær foi datado em 490 a.C. (Sørensen, 1990, p. 88), ou seja, muito antes da Era Viking e confirmando as perspectivas de Worsaae.

---

Stephens, 1866-1867, p. 30, 360). Foi somente a partir do arqueólogo Oscar Montelius (1888, p. 155, 157, 196) que o termo começa a ser empregado no sentido estrito de *Era Viking*, constituindo uma periodização separada dentro da história escandinava (e neste caso, o substantivo utilizado para demarcar 'tempo', *tid*, passa a equivaler ao substantivo *alder*, 'Era'. Na década de 1890 a palavra *vikingetiden* foi popularizada em língua inglesa como *Viking Age*).



**Figura 3:** Inscrição de Runamo, Escânia, sul da Suécia: figura de cima, reconstituição do início do século XIX; figura de baixo, reconstituição de Worsaae (1844b, tavle I; tavle II). A primeira ilustração não é uma reprodução fiel das formações, e sim, uma tentativa do ilustrador em criar uma artificialidade ou a ideia de uma forma de escrita semelhante às runas dos vikings. Na segunda imagem, percebemos que os “riscados” são apenas formações naturais.

Uma polêmica ocorrida na década de 1830 foi ainda mais intensa: o caso *Runamo*. Uma suposta inscrição rúnica<sup>4</sup> era conhecida na região de Blekinge, Escânia (sul da Suécia, região controlada pelos dinamarqueses até o século XVI), desde Saxo Grammaticus e Ole Worm. Trata-se de uma rocha plana, de origem granítica, em cuja superfície aparecem rachaduras (ou marcas) naturais, identificadas com inscrições. O nome *Runamo*, significa “penhasco das runas” (Rix, 2005, p. 594). No Seiscentos e Setecentos foram realizadas algumas ilustrações do local, criando uma tradição de que fossem inscrições rúnicas. Em 1833, a Real Academia Dinamarquesa de Ciências e Letras financiou uma expedição ao local, chefiada por Finnur Magnússon, professor de literatura islandesa medieval e antiquário, junto com o linguista C. Christensen. A equipe concluiu que se tratava de um antigo poema em louvor ao lendário rei danês Haroldo Dente de Guerra, mas também, as mais antigas runas já descobertas.

Um artigo foi publicado no jornal *Dansk Ugeskrift* (O dinamarquês semanal) em 1834 sobre a descoberta, provocando grande entusiasmo público e sendo celebrada pelos intelectuais europeus. Mas logo em seguida, surgiram vozes questionadoras. Em 1836, o naturalista sueco Jöns Jacob Berzelius contestou essa conclusão, afirmando que eram rachaduras naturais na rocha, opinião seguida pelo também naturalista Sven Nilsson em 1840. Ambos os pesquisadores criticaram a reprodução das supostas inscrições por Magnússon (Rix, 2005, p. 602-604).

Porém, o golpe final foi desferido em 1844, com um novo livro publicado por Jens Worsaae.<sup>5</sup> Em um panfleto de apenas 34 páginas, não somente apresenta argumentos sólidos, mas uma ilustração baseada em moldes de gesso (Figura 3) – substituindo o olhar antiquário por evidências

4 As runas são uma forma de alfabeto dos povos germânicos, baseado em fonemas simples, que incorporou elementos e influências do alfabeto latino e do norte da Itália (Venâncio, 2018, p. 415-423).

5 O químico Jacob Berzelius já havia exposto publicamente em 1837 suas dúvidas sobre uma origem antrópica das inscrições de Runamo, mas o antiquário Finnur Magnússon voltou a defender as rachaduras como sendo inscrições em um volumoso livro, publicado em 1841 (Rix, 2005, p. 585-611).

materiais e tangíveis, que não poderiam ser manipuladas (Worsaae, 1844b, p. 35-38). Nem a academia e nem o público poderiam prosseguir com a interpretação rúnica das rachaduras de Runamo, que logo passam a ser consideradas formações naturais. Mas as interpretações de Magnússon não podem ser vistas apenas com meras fantasias, e sim como uma tendência daquele momento de interpretar o passado de forma literária, chocando-se com novos métodos científicos. A interpretação histórica de base lendária tornou-se um campo de estudo válido somente na literatura e filologia, sendo excluída dos estudos arqueológicos: “à medida que o antiquariato atingiu a maioria, o velho paradigma que Magnússon representava iria rachar e rachar como a própria rocha de Runamo” (Rix, 2005, p. 609).<sup>6</sup>

Com o caso de Runamo, percebemos uma substituição de conceitos e métodos. A ideia de um nacionalismo romântico ligado ao passado (antiquariato), de influência iluminista (na qual o homem se separa da natureza) se choca com as novas metodologias da arqueologia moderna. Enquanto o antiquariato era firmemente relacionado com uma autoridade universal presente no texto escrito – especialmente as sagas islandesas e as crônicas medievais – a moderna arqueologia passou a utilizar metodologias de outras ciências, dentro do método naturalista de cruzar dados empíricos. Enquanto o antiquário olhava para as formas da natureza (pensando que eram antrópicas) tendo os textos em mente, o arqueólogo olhava para as formas da natureza tendo a geologia em consideração, ou seja, a própria natureza. E não podemos esquecer do trabalho de laboratório, uma etapa fundamental para analisar melhor os vestígios encontrados em campo – um procedimento que já vinha sendo efetuado tanto pela geologia, quanto pela biologia e ciências naturais. Mas agora elas passam a ser também um domínio da arqueologia, com as pesquisas de Worsaae.

## Os primórdios da arqueologia viking

Os vikings<sup>7</sup> logo se tornam o centro da investigação arqueológica na obra de Worsaae, mas primeiramente eles foram inseridos em uma grande sistematização da pré-história dinamarquesa.<sup>8</sup> Em seu livro *Danmarks Oldtid* (A Antiguidade da Dinamarca), publicado em 1843,

6 Todas as traduções de trechos em língua estrangeira foram feitas pelo autor.

7 Ser *viking* envolvia uma atividade ocupacional e seu sentido original, acima de tudo, é a de um pirata. Em segundo lugar, viking é um guerreiro. Seja com um objetivo de saquear, seja de realizar alguma empreitada militar no exterior pelo mar. Ele obviamente não tem um sentido étnico: é um termo que não se identifica com todos os escandinavos (ou daneses, mais especificamente). Também não designava um grupo especializado de profissionais dedicados exclusivamente com a arte da guerra, pois podia envolver fazendeiros, bandidos, mercadores, pescadores ou pessoas que tinham outras ocupações. Ser viking era também uma atividade periódica, altamente dependente de embarcações (Hall, 1995, p. 8; Griffith, 1995, p. 24).

8 Apesar disso, Worsaae também investigou temas da pré-história, como os sambaquis dinamarqueses – o principal tema debatido durante o Congresso de Arqueologia de Copenhague de 1869 (Pentz, 2011, p. 115-116). As publicações e estudos dinamarqueses são fundamentais também para se compreender as primeiras investigações do tema dos sambaquis e da arqueologia no Brasil oitocentista. A Biblioteca Real da Dinamarca possui cartas do intercâmbio entre Japetus Steenstrup (zoólogo que investigou sambaquis com Worsaae) e Peter Lund (residente em Minas Gerais no período de 1825 a 1880, o denominado pai da paleontologia e arqueologia brasileiras), escritas em dinamarquês e não publicadas ou traduzidas em português até hoje: os documentos NKS 3460, 4 e NKS 2677, 2 IV (datados de 1847 a 1852). O primeiro escavador de sambaquis do Brasil, o conde de La Hure, produziu um documento sobre as suas escavações em Santa Catarina em 1864, na qual comenta sobre a obra de Worsaae na Dinamarca (Hure, 1865). Esse documento foi escrito em francês e ainda é inédito, atualmente fazendo parte do acervo do Instituto Histórico e Geográfico (IHGB), no Rio de

Worsaae seguiu a divisão temporal tripartida de Christian Thomsen. Percebe-se nitidamente que o autor diferencia a Idade do Bronze da Idade do Ferro: enquanto a primeira seguia sendo menos conhecida, também era menos importante, devido ao fato de que com a introdução da tecnologia do ferro, também teria início uma civilização mais complexa e ainda, o momento em que começou a cristianização. E é nesse momento que os vikings são destacados. Comentando sobre sua religião, logo de início descreve como os pagãos era excitados pelas armas e conflitos, impulsionados pela crença em Odin e no Valhalla. A covardia seria considerada o maior crime. Desde a sua juventude, o nórdico buscava fama guerreira (*Nordboen efter krigerære*), adotando uma prática predatória empreendendo ações guerreiras, ganhando glórias e espólios, ou seja, uma verdadeira “vida viking” (*Det egentlige Vikingelid*)<sup>9</sup> (Worsaae, 1843, p. 38).

Worsaae quase não usa o termo pirata para esses navegantes e isso fica mais nítido adiante, ao final da seção sobre a idade do Ferro. Comparando noruegueses, suecos e daneses, ele afirma que os dois primeiros, devido ao fato de habitarem regiões muito montanhosas, saíram logo em expedições de conquista no exterior, enquanto os daneses<sup>10</sup> viviam muito mais em suas terras planas dedicando-se à agricultura, saindo muito pouco para predações. E quando o faziam, geralmente eram chefiados por reis, conquistando nações como a Inglaterra. Essa imagem do nórdico como um guerreiro, um viking conquistador, certamente tem influências tanto das representações criadas por Erik Geijer quanto por Esaias Tégner, mas seguem uma imagem positiva dessas ações, também tradicionais na Dinamarca. Um detalhe que certamente contribui para reforçar essa representação, foi o fato de Worsaae inserir apenas uma imagem do período viking, justamente uma espada (figura 14), destacando somente o pomo e o guarda mão. Outro elemento é a descrição textual em si, tratando da morfologia das espadas vikings em praticamente duas páginas.

Um detalhe muito interessante é a passagem em que o autor comenta que o recente estudo dos antigos monumentos seria um sinal de que a Dinamarca seria mais independente e livre que os outros países (Worsaae, 1843, p. 116). Uma demonstração precoce de como a arqueologia de Worsaae desde os seus princípios esteve relacionada a questões nacionalistas, um fato que iria tonar-se cada vez mais frequente, como veremos.

Também outros objetos foram analisados rapidamente, como pingentes e broches, demonstrando uma arte refinada para o período. E, comentando justamente sobre objetos que poderiam ter sido exportados, o autor entra em outro detalhe, sobre os comerciantes. Nem todos os objetos encontrados em túmulos deviam ser devido a saques, mas também obtidos pelo comércio, tanto de locais muito distantes, quanto de regiões próximas. A reputação do comerciante não ficou igualada com a do viking, devido ao fato de que os registros históricos

---

Janeiro. O artigo de Langer (2001, p. 35-53) e a dissertação de Calazans (2016, p. 73-75) analisam parcialmente esse documento de La Hure, mas as conexões entre os sambaquis da Dinamarca e os do Brasil ainda são um tema que pode ser explorado mais profundamente pelos historiadores e arqueólogos.

9 Todas as traduções do dinamarquês são de nossa autoria. Utilizamos como principais ferramentas: Ferrall (1845); Froth (1894); Schiøler (2018); Ordbog (2022); Ordbøkene (2022).

10 Os *daneses* (ou danos, em latim: *dani*) teriam sido uma tribo germânica que viveu nas ilhas dinamarquesas e, posteriormente, na região da península da Jutlândia. A sua existência como um referencial étnico da maior parte da população dinamarquesa antiga é alvo de debate até nossos dias, mas geralmente se aceita o referencial que o termo latino tem antecedentes mais antigos e a formação de uma identidade regional seria confirmada pela arqueologia (Price, 2021, p. 104). Pelo menos a questão de uma identificação suprarregional geográfica é algo bem demarcado pelas fontes históricas estrangeiras e escandinavas (rúnicas) da Era Viking em torno do conceito de Dinamarca, Suécia e Noruega durante o século X (McLeod, 2007, p. 3-16).

preferirem os atos heroicos: “O comerciante não gozava de uma reputação tão elevada quanto a do viking, portanto, era natural que os feitos heroicos de um fossem descritos em vez dos atos pacíficos do outro” (Worsaae, 1843, p. 51).<sup>11</sup> Nesse momento percebemos que o arqueólogo começa a interpretar o nórdico antigo dentro de outras atividades, não somente das suas conquistas guerreiras. Isso vai ser intensificado em sua próxima publicação, sobre os vestígios nórdicos das ilhas britânicas, como veremos depois. Mas antes, vamos conhecer um pouco mais sobre a questão política das fronteiras dano-germânicas, fundamentais para se entender os anos 1840 a 1850 e as representações sobre os vikings desse período.

## A questão nacional e as fronteiras

O Eslésvico é uma região no sul da Dinamarca, que durante o século XII tornou-se um ducado dinamarquês (na prática, um feudo), mas nunca sendo de fato integrada ao reino. No século XIX, a maioria da população dessa região era falante de alemão, sendo culturalmente e ideologicamente mais vinculada à Confederação Germânica do que à região danesa. Com a revolução liberal de 1848 promulgada por Frederico VII da Dinamarca, houve a criação de um governo provisório unindo as regiões de Schleswig e Holstein, com sede em Kiel (norte da atual Alemanha). Esses pró-germânicos se revoltaram principalmente contra a intenção dos liberais dinamarqueses de anexar constitucionalmente a região do Eslésvico ao reino dinamarquês, exigindo que essa fosse anexada à Confederação Germânica. O governo provisório solicitou ajuda militar em Frankfurt, ocasionando um confronto entre tropas prussianas e dinamarquesas em 1848 (a Primeira Guerra do Eslésvico). Como consequência, foi assinado um armistício em Malmö (Suécia) e depois um tratado de paz em Berlim (1850), permanecendo a região em litígio sob a tutela da Dinamarca (Lauring, 2015, p. 211; Allen, 2014, p. 53).<sup>12</sup>

Worsaae teve dois opúsculos publicados em 1848 e 1849, ambos pleiteando direitos da Dinamarca sobre a região em litígio, mas utilizando questões históricas e arqueológicas. O primeiro, *Danevirke: Danskhedens gamle Grændsevold mod Syden* (Danevirke: o antigo muro fronteiriço ao sul da Dinamarca, 1848), é uma descrição de Danevirke, que foi um sistema defensivo erguido, segundo a tradição histórica, pelo rei Godofredo durante o início do século IX, para defender as fronteiras danesas do império carolíngio. Ele era constituído por terra e paliçadas, posteriormente reforçadas por pedras por diversas lideranças até o século X, com 13 metros de largura e 30 quilômetros de extensão.<sup>13</sup>

11 No original: “Kjøbmanden ftob iffe i saa høi Anseelse som Vikingen, og det var derfor naturligt, at dennes Heltegjerninger snarere bleve beskrevne, end hiins fredelige Færd”.

12 Mas a situação não ficou resolvida em ambas as partes e especialmente na região. Com a morte do rei Frederico VII em 1863, os herdeiros do trono não sabiam se a região litigiosa continuaria como parte do reino ou deveriam se tornar uma parte da Confederação Germânica. Por pressões dos liberais, o rei Cristiano IX assinou uma nova constituição conjunta com o Eslésvico, contrariando os moradores desse ducado. A Áustria e a Prússia avançaram sobre o território do Eslésvico e Holsácia, forçando a Dinamarca a assinar o tratado de Viena em 1864 (a denominada Guerra dos Ducados ou Segunda Guerra do Eslésvico, 2. *Slesvigske Krig*, em dinamarquês), quando esta última acabou perdendo o controle dos ducados da Holsácia e o Eslésvico para a Prússia e Áustria (Lauring, 2015, p. 222-235). A produção política, artística, literária e científica da Dinamarca durante os anos 1840 até meados da década de 1870 foi extremamente afetada por ideais nacionalistas, decorrentes desses conflitos entre fronteiras (Adriansen; Jenvold, 1998, p. 9).

13 O principal problema historiográfico de Danevirke é o seu uso constante pela história nacionalista, desde o século XIX. Durante as duas guerras do Eslésvico, ele teve um papel central para criar uma identidade

Em seu prefácio, o autor afirma que mil anos atrás o *danevirke* já havia defendido o país contra os alemães (*Tydskerne*) e agora, novos guerreiros voltam a defender a Dinamarca com sangue e honra (Worsaae, 1848, p. 1). Os vikings foram citados em alguns contextos específicos. Primeiro, são referenciados como sendo especialmente os povos do norte que teriam frequentado o espaço da então atual Confederação Germânica, somente para saques: “bandos de vikings assolaram os rios da Alemanha” (p. 6).<sup>14</sup> Por vezes ocorriam incursões nórdicas para o sul, mas nunca eram construídos “covis” para comerciantes ou vikings: “mas não era um refúgio para marinheiros e vikings” (p. 6)<sup>15</sup> ou seja, aqui o autor diferencia a germanidade do espaço escandinavo. Assim, os dinamarqueses poderiam reivindicar a região do Eslésvico na atualidade, mas não os germânicos contemporâneos.

As realizações do rei Godofredo foram consideradas atos de bravura, apesar das terras germânicas (*Tydskland*) enviarem ações cristianizadoras, fadadas ao fracasso: “Mas ao contrário, os reis e vikings continuaram a devastar o norte das terras germânicas” (Worsaae, 1848, p. 25).<sup>16</sup> Na atualidade, o substantivo *Tysk* é empregado tanto para a língua alemã, o povo alemão, quanto com usos pejorativos (Ordbog, 2022).

Ao final, Worsaae conclama um novo Danevirke, explicando que os vikings, na realidade, foram campeões enviados contra as populações germânicas: “Depois do ataque ameaçador de Carlos, o Grande, no século IX, a Dinamarca podia enviar inúmeras hordas vikings; tornou-se uma época de vitória e conquista que ninguém jamais havia visto antes” (Worsaae, 1848, p. 63).<sup>17</sup> Aqui, pela primeira vez, os vikings tornam-se elementos de uma nacionalidade – na qual a Dinamarca antiga transformou-se numa unidade política igual à dos tempos modernos – mas também são representantes de conquistas militares nunca vistas. Ou seja, origina-se aqui a representação do viking não mais como um simples pirata ou predador, mas sim com um guerreiro a serviço de uma nação.

Um ano depois, Worsaae publicou outro opúsculo, *Om en forhistorisk, saakaldet “tydsk” Befolkning i Danmark* (A respeito de uma população “alemã” na Dinamarca, aspas originais do autor). O livro tem um tamanho bem pequeno (40 páginas) e inicia comentando que os alemães distorcem a história a seu favor, com o transcurso da guerra do Eslésvico. A percepção da história deveria ser total, acima das opiniões individuais ou de um momento político (Worsaae, 1849a, p. 2). Mas claro, aqui o uso político e individual da história seria empreendido somente pelos membros da Confederação Germânica e não pelos dinamarqueses, mais um exemplo de transferência ideológica para a figura do outro – Worsaae, como exemplo, cita os trabalhos dos

---

dinamarquesa defronte à ameaça germânica do sul. Danevirke foi o nome de um periódico nacionalista dos anos 1810. Os acadêmicos desse período resgataram uma série de narrativas folclóricas do século XII, que creditavam a autoria da fortificação para a rainha Thyra, esposa de Haroldo, o Dente-Azul. Por outro lado, pesquisas conduzidas por alemães, nessa época, já demonstravam que as fortificações seriam bem mais antigas e não teriam nenhuma conexão com o império danês, suprimindo então as pretensões da Dinamarca em permanecer com a região de Schleswig-Holstein, cerne da disputa das guerras eslávicas entre Dinamarca e a Confederação Germânica (Adriansen; Jenvold, 1998, p. 8-9). Uma das novas questões apontadas pelo arqueólogo Andres Dobat é que Danevirke pode ter sido tanto produto de um poder ideológico quanto militar ou econômico (Dobat, 2008, p. 31-58).

14 No original: “Vikingskarer hjemstøgte Tydslands Flode”.

15 No original: “men det varikke en saadan Rede for driftige Sømænd og Vikinger”.

16 No original: “Tvertimod vedbleve danske Vikinger og Konger stadig at hærje paa de nordtydske Lande”.

17 No original: “Allerede efter Carl den Stores truende Angreb i det niende Aarhundrede kunde Danmark udsende talløve Vikinge skarer; det blev en Seirens og Erobringens Tid, som ingens finde før”.

irmãos Grimm e do historiador norueguês Peter Andreas Munch (um pró-germanista) como sendo “anti-históricos” (*uhistorisk*) (p. 3).

Munch já havia publicado um artigo em Copenhague, defendendo a hipótese de que os godos germânicos teriam vivido no sul da Dinamarca, durante a Antiguidade, originando os chifres de Gallehus – um dos grandes patrimônios nacionalistas da Dinamarca. E num período de transição do gótico ao século VIII d.C., quando a família *Skoldunges* teria governado a região de Lejre, a chamada *danevældents tids* (época do Poder Danês, um outro termo para o Período Viking), de onde se originou a *danske tunge* (língua dinamarquesa) (Munch, 1848, p. 331-332), ou seja, os godos se tornaram daneses quando estiveram no espaço da atual Dinamarca.

Obviamente isso irritou profundamente Worsaae, que em seu novo livro atacou diretamente essa interpretação, utilizando a obra de outro historiador norueguês, Rudolf Keyser, que defendia que os daneses (*Daner*) haviam se originado depois do século V, da mistura entre godos alemães (*tydske Goter*) “oprimidos” e os novos senhores da região, os noruegueses (*Normændene*). Utilizando referências de pedras rúnicas, Worsaae criou uma rede de interpretações para afirmar que a língua dinamarquesa não teria provindo dos godos, mas sim, de uma fusão com as línguas sueca e norueguesa antigas. Mas logo depois, o autor utiliza os monumentos antigos da Idade do Bronze para diferenciar a Dinamarca da Noruega e Suécia, afirmando que foi no primeiro país que surgiram os mais proeminentes monumentos antigos, mas ao contrário, durante o *Período Viking*, temos uma inversão: pequenos túmulos são extremamente raros na Dinamarca, mas muito comuns na Suécia e Noruega. Assim, para ele, a tese da conquista gótica do país seria infundada: os mesmos vestígios teriam que ser encontrados em toda a Escandinávia (Worsaae, 1849a, p. 11-26).

Em sua primeira utilização do termo *Vikingetiden*, portanto, Worsaae (1849a, p. 24) se afasta de um ideal panescandinavista e procura, por razões políticas, criar uma representação de um passado dinamarquês especial, regional, sem os mesmos padrões para toda a Escandinávia antiga e, ao mesmo tempo, fugindo da hipótese da ocupação pelos godos antigos (aqui, quase uma encarnação dos modernos alemães). As próximas produções desse arqueólogo não vão se preocupar com questões regionais, mas ao contrário, cada vez mais Worsaae vai estudar os vikings por um viés do exterior, de outras nações, de um processo de internacionalização da representação do nórdico antigo. Mais do que nunca, os vikings tornam-se populares e ao mesmo tempo, instrumentos simbólicos dos nacionalistas.

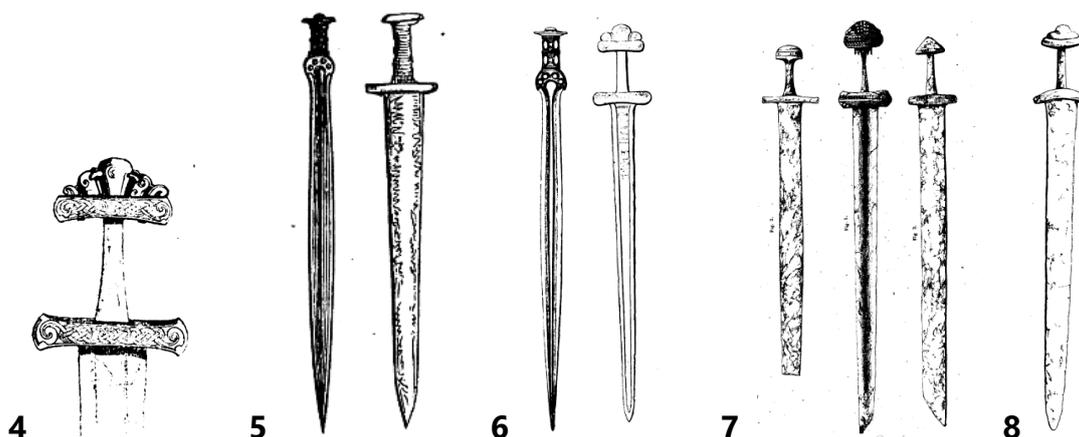
## Os vikings nas ilhas britânicas

Entre 1846 e 1847, Worsaae empreendeu várias viagens de pesquisa pela Rússia, França, Suécia e ilhas britânicas, com financiamento do governo dinamarquês. Essas incursões do arqueólogo podem ser vistas sob várias perspectivas: a de que a área da arqueologia estava cada vez mais sedimentada na academia do país; o governo preocupava-se com mais frequência com a repercussão de como esse passado histórico poderia ser utilizado na questão do Eslésvico; particularmente no caso britânico (o que gerou repercussões), uma maior aproximação política do país com a Inglaterra, fundamental naqueles tempos de querelas internacionais.

A viagem para o reino inglês se deve primeiramente a um convite feito pelo duque de Sutherland para Carl Rafn em 1846, solicitando à Real Sociedade dos Antiquários do Norte

que enviase um especialista para investigar o passado arqueológico nórdico dessa região (Briggs, 2005, p. 9-10). Os britânicos, cada vez mais, estavam interessados particularmente nos vikings. E no que a Dinamarca estava publicando a respeito. Num primeiro momento, o que ambos tinham em comum? O interesse que a Revolução Francesa despertou nas nações pela busca de suas próprias histórias, linguagens e nacionalidades (parte do conteúdo do discurso de Worsaae na Academia Real Irlandesa em 1846) (Díaz-Andreu; Champion, 1996, p. 9). Assim, os vikings poderiam fornecer a ambos os países alguns dos elementos que se buscava para a criação de suas identidades.

Em 1848 foi traduzido em Londres o livro de Christian Thomsen, sob o título *Guide to Northern Archaeology*, sob os cuidados do conde de Ellesmere (Francis Egerton), que escreveu o prefácio, e logo na primeira frase, proclama que ingleses e dinamarqueses teriam uma mesma origem. Após uma digressão de história linguística, aponta os termos existentes na língua inglesa que teriam provindo do nórdico antigo, em especial, os nomes de divindades e entidades do paganismo. Logo em seguida aponta as tradições literárias e poéticas antigas que teriam florescido no mundo pré-cristã – sem dúvida, aqui o autor mostra-se totalmente fascinado com esse universo.



**Figura 4:** Espada viking (Worsaae, 1843, p. 40); **Figura 5:** Espada de bronze (esquerda) e de ferro (direita) (Thomsen, 1836, p. 46); **Figura 6:** Espada de bronze e de ferro (Thomsen, 1848, p. 50);

**Figura 7:** Três espadas vikings (Worsaae, 1851, p. 406); **Figura 8:** Espada viking (Worsaae 1851, p. 72).

Mas o centro de suas argumentações foi a presença danesa nas ilhas britânicas. Apesar de utilizar inicialmente o termo *Danes*, logo generaliza para a expressão *Northern navigators*, descrevendo os mesmos como guerreiros, vikings e mercadores (Egerton, 1848, p. vii). Uma parte considerável do prefácio é a discussão do cristianismo e depois a questão das pedras rúnicas. É de se destacar a imagem que Francis Egerton tinha da representação do islandês, tido como guerreiro e escaldo (p. xii). Esse ideal do nórdico antigo essencialmente como um guerreiro conquistador pode ser vislumbrado em um pequeno detalhe dessa edição do livro de Thomsen, o qual acreditamos que tenha sido uma mudança editorial por parte de Egerton.

A ilustração de espadas que constava no livro original de 1836 (Figura 5), foi modificada para outra (Figura 6). Enquanto a espada de bronze da edição britânica possui mais detalhes,

a espada da Idade do Ferro foi trocada para uma do Período Viking: trata-se do modelo S (cronologia entre os séculos X e XI, dentro da classificação de Petersen) (Peirce, 2002, p. 19), uma espada com pomo tripartido e guarda-mão com eixo de curvatura interna. Esteticamente trata-se de uma bela espada, facilmente identificada com os vikings, mas também muito semelhante à única espada nórdica ilustrada no primeiro livro de Jens Worsaae, de 1843 (ver Figura 4). Essa mudança, sutil num primeiro olhar, demonstra que o conhecimento da cultura material dos vikings era cada vez mais popular dentro da academia europeia.

Os daneses haviam ocupado uma grande região da Inglaterra durante o século IX, influenciando diversos aspectos culturais, organização política e social dessa ilha. De saques esporádicos, a região foi aos poucos sendo ocupada por colonizadores, especialmente na Nortúmbria, Mércia e Wessex. Também foram muito expressivas e complexas as medidas dos saxões tanto para conter o avanço desses grupos, quanto para criar relações políticas e culturais com os nórdicos (Medeiros, 2020, p. 157-181). Os britânicos tinham um interesse especial por esse passado nórdico há tempos: desde 1822 haviam sido descobertos vestígios arqueológicos na Cumbria, com identificações corretas, mas etnicamente sendo denominados de escandinavos pelos pesquisadores desse tempo (Hall, 1995, p. 8). Com a nova geração de arqueólogos dinamarqueses, o interesse pela ocupação danesa teve uma retomada, tanto a nível popular quanto acadêmico.

Com a publicação de romances em língua inglesa a partir dos anos 1840, o termo viking entrou definitivamente na moda, bem como as suas incursões nas ilhas britânicas. Um exemplo foi com *The viking: an epic*, 1849, de Zavar, que enfatiza uma fórmula que teria continuidade posterior na literatura, quadrinhos e cinema: um viking pagão, de nome Vali, se apaixona por uma saxã cristã, chamada Edgiva. Aos poucos, o personagem nórdico vai ser cristianizado e submetido às “forças de civilização e comportamento” dos cristãos (Wawn, 2002, p. 202-203). Novamente percebemos que a figura do viking atrai as multidões, mesmo em seus aspectos mais brutais e selvagens, desde que seja posteriormente convertido aos valores cristãos.

O arqueólogo britânico George Stephens também esteve inserido nesse processo. Lecionando na Universidade de Copenhague nesse período, escreveu o romance *Revenge, or Woman's love* (1857). A narrativa transcorre no reino do rei Athelstan, concentrando-se em diversos personagens saxões, tendo como pano de fundo as invasões e querelas com os vikings. A estrutura do romance apresenta diversos aspectos de um “cripto-shakesperianismo lírico, referências rúnicas e de filologia nórdica antiga” (Wawn, 2002, p. 225-226). Apesar de não inserir uma representação sanguinária do viking, ele ainda é um nobre selvagem, um nobre guerreiro, um pagão: “guerreiro, saqueador, praieiro, pirata, marujo, corsário” (Stephens, 1857, p. 31, 97),<sup>18</sup> ou seja, esse autor ainda foi muito influenciado pela representação literária criada por Erik Geijer em seu poema *Vikingen*, de 1811.

Uma visão não muito diferente temos no manual *History of Scandinavia* (depois alterado para *Scandinavian races*), de Paul Sinding, que recebeu dezenas de reedições até final do século XIX. Trata-se de um dano-americano que estudou na Universidade de Copenhague, e, assim como Stephens, acreditava que o termo viking provinha da enseada de vik – uma interpretação popularizada pela obra *Frithiof saga*. Apesar de não apresentar bibliografia, podemos rastrear outras influências em sua obra (Spalding, 1858, p. 29, 30): a do historiador norueguês Peter Andreas Munch (os escandinavos tinham uma origem gótica); a mente guerreira do viking era

18 No original: “war-man [...] Wiking-plunder [...] a bay-boy, pirate, sea-royer [...] privateers”.

conectada com sua religião e mitologia; o viking foi um pirata – aqui, a imagem literária popularizada por Erik Geijer.

Mas vamos voltar aos arqueólogos dinamarqueses. Nesse contexto de revalorização internacional do passado nórdico, Worsaae publica seu livro mais importante, em 1851, tratando da área britânica. Com o título de *Minder om de Danske og Nordmændene i England, Skotland og Irland* (Reminiscências dos dinamarqueses e noruegueses na Inglaterra, Escócia e Irlanda), a obra inicia com duas seções introdutórias de aspectos gerais dos tipos de monumentos nórdicos encontrados nas ilhas britânicas. O restante da obra foi dividido em daneses na Inglaterra, noruegueses na Escócia e na Irlanda.

Um momento em especial denota atenção. Logo no início do livro, Worsaae diferencia os vikings pela geografia de cada região da Escandinávia antiga. A Suécia teria originado poucos marinheiros experientes, devido à sua natureza física: muitos vales, montanhas, florestas e rios dificultaram o acesso à navegação marinha. Por sua vez, a Dinamarca, por ter basicamente planícies, voltou-se logo cedo para o mar, mantendo contato com seus vizinhos. A saída para o alto mar foi uma consequência do comércio (*Handel*) e da exigência de uma “guerra honrada” (*Krigeræren*) (Worsaae, 1851, p. 9), fazendo com que “desde cedo o dinamarquês tenha se tornado um viking ousado” (p. 9).<sup>19</sup> Percebemos, desse modo, que sua primeira noção de viking é ocupacional (como ao comentar sobre os suecos: *Svenske Vikinger*, p. 8), mas no caso, Worsaae não utiliza nesse momento o termo étnico mais apropriado para comentar sobre os habitantes dessa região no período antigo: *Daner* (do nórdico antigo *Danir*) e do latim *Dani*. Na inscrição rúnica de Jelling também temos essa palavra sendo utilizada para caracterizar uma identidade no século X: *auk tani (karþi) kristna* (“fez os daneses cristãos”) (Moosburger, 2023, p. 54). Nesse caso, *Danske* é literalmente dinamarquês, se aproximando mais do leitor da língua nativa nos tempos atuais, uma estratégia óbvia em tempos de nacionalismo extremado.

Quanto ao comportamento do viking, Worsaae mescla a teoria dos climas de Montesquieu com a visão heroica de Erik Gustaf Geijer: “Assim como a natureza nórdica, o frescor do inverno endureceu o corpo do viking, para suportar todos os tipos de dificuldades [...] sem medo de enfrentar o perigo (Worsaae, 1851, p. 11).<sup>20</sup> O mundo nórdico visto pelo clima foi uma tendência nascida com Paul-Henri Mallet no Setecentos, ainda encontrando eco para tentar explicar o diferencial viking em relação aos outros povos da Europa, em seus aspectos de coragem e ferocidade. E exatamente neste ponto é que Worsaae encontra-se com seu maior problema: como fazer plenamente do viking um herói nacional? E ao mesmo tempo, como fazer os ingleses admirarem essa representação em seu país? Qual a vantagem de estudar e preservar a história de um “povo saqueador e brutal”?

19 No original: “blev end den Danske tidlig en dristig Viking”.

20 No original: “Ligesom den nordiske Natur, den friske Vinterkulde havde hærdet Vikingens Legeme til at uds-taae allehaande Besværligheder [...] uden Frygt at gaae Faren imøde”



**Figura 9:** Ilustração dinamarquesa anônima de 1861, satirizando as pesquisas de Jens Worsaae na região de Jelling, península da Jutlândia, Dinamarca (Fonte: Museu Nacional da Dinamarca, <http://jelling.natmus.dk/en/about-the-project/exhibitions/searching-for-king-gorm/>; Acesso em: 5 jan. 2024). A figura da extrema esquerda representa o rei Gorm, que teria erigido o montículo funerário mais antigo do local. Na extrema direita, Worsaae e auxiliares tentam capturar o rei, que foge para dentro de sua câmara funerária. Ao lado, alguns anões observam incrédulos a cena. Podemos perceber com esta imagem (provavelmente realizada para algum jornal ou revista local) a imensa popularidade das escavações arqueológicas de Worsaae, atingindo uma ampla parcela da sociedade de sua época. E ao mesmo tempo, a ilustração funde a arqueologia viking com outros temas nórdicos muito populares na época, a mitologia e o folclore. Esta imagem constitui uma fonte iconográfica para a terceira forma de se estudar a relação entre nacionalismo e arqueologia (a saber, as imagens públicas da arqueologia: Díaz-Andreu; Champion, 1996, p. 6), um imenso campo de fontes e estudos em se tratando da área dinamarquesa oitocentista, mas do qual não nos ocupamos no presente estudo.

A questão nacional do viking já vinha sendo parcialmente aferida desde o final do Setecentos, com as investigações das sagas islandesas. Mas agora Worsaae, estudando as ilhas britânicas, tem um novo e espetacular trunfo – *a figura do comerciante*. Ela foi pouco referenciada nas fontes literárias nórdicas do Medievo, mas no contexto britânico, tudo muda: por exemplo, o centro comercial de Kaupang (Noruega) foi citado na versão saxônica do livro de Paulus Orosius, do século X. Assim, antes mesmo das escavações em centros urbano-comerciais da Escandinávia na década de 1860 (Kaupang em especial), já ocorriam fontes históricas sobre o tema (Pilø; Skre, 2011, p. 2).

Logo no primeiro parágrafo do primeiro capítulo (*De Danske i England*), tratando dos daneses na Inglaterra, o aspecto comercial da região foi destacado, desde os tempos romanos, passando pelo processo de colonização e implementação de áreas comerciais pelos nórdicos (Worsaae, 1851, p. 21, 27-54). Mas, sem dúvida, a seção mais importante do capítulo foi *Handel og Søfart* (Comércio e transporte). Nela, o autor desenvolve em detalhes a sua idealização: “os nórdicos, que nos tempos antigos navegaram para terras estrangeiras, nem sempre foram Vikings, dedicados somente em saquear e pilhar ou conquistar novas possessões. Muitas vezes foram comerciantes pacíficos” (Worsaae, 1851, p. 134).<sup>21</sup>

21 No original: “De Nordboere, som i Oldtiden gik tilsøes til fremmede Strande, vare langtfra altid Vikinger, der kun vilde røve og plyndre eller erobre sig nye Landstrækninger. De vare meget ofte fredelige Kjøbmænd”.

Aqui nascia a imagem que iria refrear a visão do bárbaro conquistador do Norte, mas ela mesmo iria tornar-se um outro estereótipo, especialmente na produção bibliográfica após a Segunda Guerra Mundial (Brink, 2008, p. 5), certamente influenciada pelas traduções do livro de Worsaae ao inglês.<sup>22</sup> Além do pacifismo, outro elemento vai ser destacado por Worsaae: *a honra*. O comerciante seria um profissional muito valorizado na sociedade nórdica. Quando não estava em uma expedição totalmente voltada para fins comerciais (*Kjöbmandsfærd*), ele embarcaria junto à uma jornada viking (*Vikingsfærd*) ou estaria em um salão real (*Kongens hal*), valorizado por sua sagacidade e qualidades guerreiras (Worsaae, 1851, p. 134-135). Apesar de terem existido nórdicos que eram especializados no comércio, nem sempre os vikings eram somente guerreiros e piratas, mas também atuavam como mercantes. Existiu uma extensa rede de relações comerciais, tanto internamente na Escandinávia, quanto externamente, alcançando diversas regiões euroasiáticas e do Atlântico (Féo, 2022b, p. 177-207).

A questão aqui é que Worsaae criou uma distinção entre um tipo de atividade (sair à viking), que seria necessariamente negativa, pelo fato de incluir algum tipo de violência, em contraposição ao praticante de comércio, que seria positivo porque envolveria apenas relações com fins pacíficos ou algum tipo de troca ou acúmulo de bens. Estudos contemporâneos demonstram que a violência também poderia estar inserida nas transações comerciais (a exemplo dos mercados escravos ou obtenção de cativas sexuais) ou no simples acúmulo de bens preciosos, tendo em vista as relações sociais de prestígio interno do mundo nórdico (Féo, 2022b, p. 177-207).

Claro que aqui a violência tem que ser entendida dentro dos parâmetros de quase todos os povos antigos e medievais. Ao estabelecer dicotomias e critérios de comportamento, estamos colocando ideais anacrônicos. Worsaae fez isto porque em seu tempo havia a necessidade de se estudar somente aquilo que fosse útil para o seu momento histórico: os modelos heroicos, vitais para os nacionalismos. E não somente da Dinamarca, também para a Inglaterra, como estamos verificando.

Outra estratégia do arqueólogo dinamarquês para heroicizar o viking e deixar sua representação menos violenta e bárbara, foi estudar sua capacidade artística (na seção de seu livro subsequente à do comércio: *Kunst og Videnskab*, arte e conhecimento). Para ele, na época em que os daneses conquistavam várias regiões da Inglaterra, a arte e o conhecimento estariam em baixa na Europa continental. A arte cristã seria apenas uma cópia degenerada da romana, enquanto a literatura se preocupava apenas com teologia. Em oposição, os nórdicos estariam construindo embarcações extraordinárias, utensílios, armamentos e joias formidáveis (Worsaae, 1851, p. 152-153).

Assim, chegamos em um conceito que se torna o ângulo central desse livro do arqueólogo, não tanto pelo seu caráter descritivo dos monumentos e vestígios dinamarqueses nas ilhas britânicas, mas pelo seu caráter de idealização: o espírito viking (*Vikingsaand*), citado em cinco momentos (Worsaae, 1851, p. 149, 151, 282, 300, 430). Para o autor, seria uma espécie de mentalidade guerreira, repleta de elementos, que poderia ser herdada pelas gerações subsequentes, mesmo cristãs ou estrangeiras à Escandinávia, não se confundindo com um estilo de vida nórdico

22 As pesquisas sobre as representações historiográficas e arqueológicas do viking ainda são muito incipientes em diversas línguas contemporâneas, sendo a maioria das investigações ainda centrada nos referenciais literários (como em Boyer, 1986 e Wawn, 2002). Isso explica o porquê de Caio Féo (2022b, p. 192) afirmar que um dos primeiros partidários da positividade do viking pelo comércio ter sido o arqueólogo dinamarquês Johannes Brøndsted em 1959.

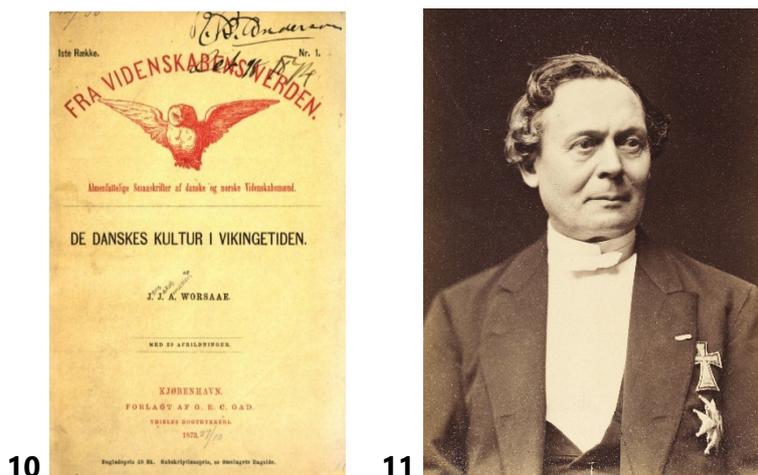
em si, de base pagã (que ele denomina de *Vikingslivet*) (p. 149, 282). Os principais elementos desse espírito viking seriam tanto a técnica de construção naval quanto a arte da navegação, elementos dos quais os britânicos seriam os principais herdeiros, tanto no período antigo quanto na colonização do Novo Mundo (p. 151). O interessante é constatar que a palavra *Vikingsaand* em duas situações foi antecedida pelos adjetivos *dristig*, ousado, e em outro momento – a respeito da população das ilhas britânicas ainda pagãs, mas em vias de cristianização – *djærv*, intrépido, reforçando ainda mais o caráter heroico das façanhas dos supostos descendentes dos vikings. Possivelmente aqui Worsaae foi influenciado pelo referencial de *espírito nórdico* criado anteriormente pelo escritor Nikolaj Grundtvig, durante os anos 1840 (Palmskov, 2018, p. 20).

Dois elementos vão ser decisivos para ilustrar o espírito viking dos daneses. Primeiro, as espadas, das quais Worsaae apresenta quatro ilustrações (figuras 17 e 18, três destacadas em uma página inteira no seu livro), cujos detalhes foram minuciosamente analisados (Worsaae, 1848, p. 405, 408). E várias imagens constantes da tapeçaria de Bayeux: dois cavaleiros em carga (p. 88); dois soldados de infantaria (p. 90); uma embarcação com guerreiros (p. 148); a representação de um navio, em uma moeda dano-saxônica (p. 344). Também ocorrem ilustrações de outros objetos, como broches e pontas de machado, mas sem o destaque dessas imagens. Espadas e embarcações fazem parte das mais importantes representações sobre o viking, desde o início do século XIX (o navio é um elemento icônico da representação do viking segundo Delgado, 2019, p. 83), uma tradição seguida também por Worsaae.

Um pequeno comentário final sobre esse livro de Worsaae é necessário. Aqui sua ideia de Período Viking (*Vikingetiden*), começa a tornar-se um conceito histórico mais preciso, sendo citada seis vezes, em torno de duas questões básicas: primeiro, a de delimitação temporal de objetos materiais investigados, como espadas nórdicas (Worsaae, 1848, p. 411) e sepulturas (p. 409, 410, 321); em segundo, com relação a outras demarcações temporais ou questões históricas externas à Escandinávia: as conquistas dinamarquesas no Báltico durante os séculos XII e XIII (p. 16) e conexões entre a Escócia e Escandinávia (p. 341). Vale a pena comentar sobre a adjetivação nesse último contexto: *egentlige*, inequívoco, real, indiscutível, primordial (Ordbog, 2022), na frase original: “skulde have fundet Sted for den egentlige Vikingstid” (devia ter ocorrido antes do Período Viking original) (Worsaae, 1848, p. 341). No parágrafo, Worsaae está comentando sobre a Escócia, que já seria habitada antes dos nórdicos e que depois seria colonizada por estes. Então, o conceito *Vikingetiden* aqui é utilizado para demarcar o entremeio de duas situações temporais específicas, ou seja, começa a ser uma ferramenta cronológica mais usual entre os acadêmicos, apesar de ainda ter um sentido de período e não de era (Palmskov, 2018, p. 39). Mas, mesmo assim, o conceito de *Jernalder* (Idade do Ferro), ainda foi preponderante, sendo utilizado sete vezes ao longo do livro.

## Os vikings e o pós-guerra na Dinamarca

Em 1873, Worsaae publicou um opúsculo (41 páginas), intitulado: *De Danskes kultur i Vikingetiden* (A cultura dinamarquesa no Período Viking). Apesar do tamanho, o livro foi importante porque, de um lado, auxiliou a divulgação da arqueologia viking, e de outro, popularizou a expressão Período Viking. Os seus conteúdos analíticos sobre a cultura material ainda são considerados válidos pelos arqueólogos dinamarqueses contemporâneos (Roesdahl, 1994, p. 167). De nossa parte, nos limitaremos a refletir sobre os usos ideológicos desses vestígios pelo seu autor.

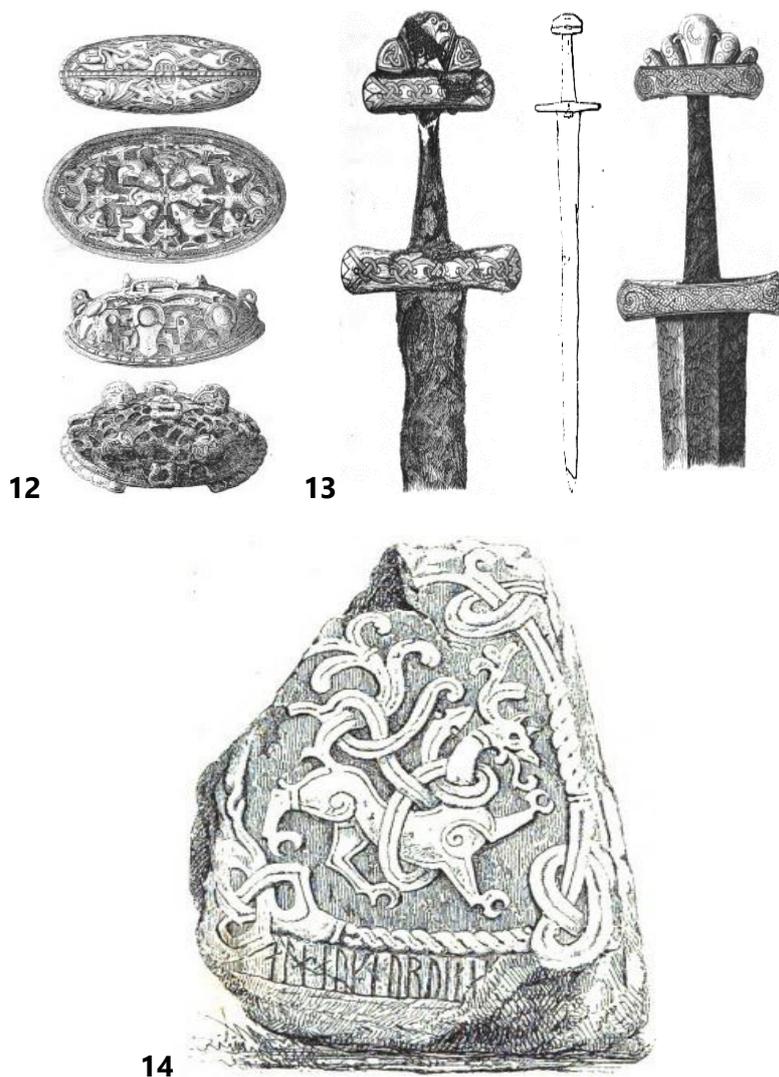


**Figura 10:** Capa do livro *De Danskes kultur i Vikingetiden*, publicado em 1873. **Figura 11:** Fotografia de Jens Worsaae nos anos 1880, autoria de Hansen & Weller (Acervo da Biblioteca Real de Copenhague). Este livro de Worsaae surgiu num momento em que o liberalismo se consolidava pela Europa, garantindo a definitiva consolidação institucional da arqueologia. Ele esteve situado em um contexto de importantes definições dos nacionalismos europeus, como a unificação da Itália em 1861 e da Alemanha em 1871 (Díaz-Andreu; Champion, 1996, p. 10). Em 1876, em visita ao país, dom Pedro II conheceu em Copenhague o acervo do Museu Nacional da Dinamarca (*Nationalmuseet*), em companhia de Worsaae (Luna Filho, 2007, p. 258). Outro exemplo do interesse político-social desse período para com estudos de cultura material é a fundação da Sociedade para a Arqueologia, História e Etnografia da Rússia em 1878 (Díaz-Andreu; Champion, 1996, p. 10).

De um ponto de vista da periodização, o livro apresenta uma certa ambiguidade do autor. Logo na introdução, ele representa o Período Viking grifado no texto, como sendo entre os anos 800 a 1000 após o nascimento de Cristo, merecendo um estudo mais atento (Worsaae, 1873, p. 4). Nessa época teríamos os primeiros vislumbres da história, em um momento em que a escuridão assolava os tempos passados, em que os dinamarqueses pela primeira vez desempenharam um grande papel dentro e fora da Escandinávia. Nesse momento, ele também utiliza o termo *Danevældets Tid* (Período do poder Danês), do mesmo modo grifado no texto (p. 4). Mais adiante, ele situa o Período Viking no final da Idade do Ferro (700 a 1030), ou seja, outro marco cronológico, diferenciando-se do primeiro que elencou (p. 12). De toda maneira, seja pelo seu título, seja pelo conteúdo em geral, o livro foi o primeiro manifesto em torno da primazia em se estudar um recorte específico da história antiga. Aqui temos plenamente constituído o que Svanberg (2003, p. 49-51) denomina de os dois núcleos centrais do conceito de Era Viking: uma cronologia baseada em traços culturais e uma fase dentro da história nacional.

A ideia básica e central desse opúsculo é demonstrar que os antigos habitantes do Norte (*Nordboerne*), não foram um povo bárbaro, incivilizado, selvagem. Que os dinamarqueses desse período foram os primeiros a se destacarem entre os países civilizados, sendo a Dinamarca o primeiro país escandinavo a ter um papel importante na Europa. Worsaae utiliza a Antiguidade como um modelo civilizatório para o seu presente, num momento em que o país vivia a perda do Eslévico e a humilhação do pós-guerra. Em seu livro, nórdico, dinamarquês e viking receberam um tratamento equivalente, podendo de nossa parte afirmar que se tratou de uma das primeiras obras a considerarem *o viking como um conceito étnico*, que depois seria popularizado por diversos outros acadêmicos e na história pública.<sup>23</sup>

23 Sobre o tema da etnicidade viking e sua historiografia, ver Langer (2018a, p. 706-718).



**Figura 12:** broches nórdicos; **Figura 13:** espadas vikings; **Figura 14:** grande pedra rúnica de Jelling II (DR 42), face B (Worsaae, 1873, p. 21, 23, 34). O livro de Worsaae de 1873 contém no total trinta ilustrações, sendo elas respectivamente relacionadas a bracteatas (5), fragmentos de tecido (1), anéis (2), broches (3), alfinetes (1), espadas (3), arreio e equipamentos de cavalaria (3), potes cerâmicos (3), pedra de Jelling II (3), pias batismais (2). Percebe-se uma clara tendência do autor em preponderar objetos aristocráticos e da realeza ou ainda, objetos que possuem alto valor artístico e estético, numa clara tentativa de enfatizar os vikings daneses como possuidores de uma civilização sofisticada. Objetos cotidianos de morfologia mais simples, fartamente encontrados nas escavações desse período, foram omitidos da iconografia do livro (como também da análise geral contida na obra), por conterem pouco valor como demarcadores de uma identidade nacional no registro arqueológico.

A estratégia básica de Worsaae para caracterizar os vikings como uma civilização, evidentemente, foi utilizar a cultura material, no qual podemos separar em três elementos: os objetos artísticos do cotidiano, os armamentos e os monumentos.

Os objetos móveis e a arte dominam grande parte do texto. O estilo de Mammen foi um dos mais exaltados, por ter sido definido por um machado encontrado na Jutlândia (Worsaae, 1873, p. 18). O objeto é citado, mas sem referências visuais. Esse estilo surgiu no século X, valorizando motivos vegetais, sendo as figurações do machado caracterizadas como animais, aves e espirais (Graham-Campbell, 2018, p. 82-85).

Objetos de indumentária e adornos foram os mais valorizados visualmente, como fíbulas, broches, anéis com runas (Worsaae, 1873, p. 18-21) (Figura 12). Com isso, Worsaae queria demonstrar que os antigos vikings eram civilizados porque possuíam uma cultura material sofisticada, rebuscada. E como eram guerreiros, deveriam ter também vestimentas sofisticadas, mas acima de tudo, armamentos refinados. Espadas foram ilustradas, mas ao contrário de suas antigas publicações (ver figuras 7 e 8), agora os exemplos são de equipamentos muito mais requintados e com acabamento mais refinados, dominando páginas inteiras do livro. Estas duas espadas referenciadas visualmente (p. 23) (Figura 13), pertencem ao estilo R e S, ambas datadas entre os séculos X e XI (Peirce, 2002, p. 19). A do lado esquerdo apresenta duas triquetras (triângulos entrelaçados) em seu pomo, com o guarda-mão contendo motivos de diversos nós entrelaçados. A da direita também apresenta motivo de pontilhados e entrelaçados, tanto no guarda-mão quanto no pomo.

Mas sem dúvida, os monumentos são os principais objetos a serem visualizados no livro. Ao final, entre as páginas 33 e 34, temos as reproduções de todas as três faces da grande pedra de Jelling II (DR 42). Erguida por Haroldo, o Dente-Azul, essa pedra rúnica celebrava a conquista da Dinamarca e da Noruega, a cristianização da região e rendia uma homenagem aos pais de Haroldo (Gorm, o Velho e a rainha Thyra). Ela contém duas figurações principais: Cristo em posição de crucificação (face C) e uma serpente enrolando-se em um animal quadrúpede (face B, Figura 14) (Oderdenge, 2021, p. 309-334). No popular manual de Adam Fabricius (*Illustreret Danmarkshistorie for folket*, História ilustrada da Dinamarca para o povo, 1854), a grande pedra de Jelling já havia sido ilustrada, mas não com esse destaque visual e textual (Langer, 2022, p. 139-167). Worsaae (1873) considera essa como a mais importante pedra rúnica, pelo fato de memorizar uma grande realização, a cristianização do país pelo rei Haroldo, mas também por ser o principal marco do fim da vida viking (*Vikingelivets*, p. 34), ou seja, o fim do paganismo.

Os dois últimos parágrafos do livro de Worsaae são extremamente reveladores. O autor, mais uma vez, se coloca contrário à autoridade das crônicas históricas, porque elas apresentam uma concepção negativa dos vikings, mas louva as sagas islandesas, porque essas seriam uma fusão do mundo pagão com o cristão (Worsaae, 1873, p. 40). Mesmo no mundo estrangeiro, os vikings continuaram a perpetuar o seu "espírito nacional". Nem mesmo as suas ações de saques e destruições de mosteiros poderiam ser vistas como atos de barbárie e selvageria, porque foram consequências de seus atos de conquista. O "poderoso Período Viking" (*mægtige Vikingetid*) necessitava ser lembrado, porque possuía o "espírito vivo e poderoso" do "povo dinamarquês" (*livlige og kraftige Aand [...] danske Folk*, p. 41). Worsaae representou a última voz dentro da arqueologia dinamarquesa com tamanha empolgação e dedicação nacionalista. Os tempos estavam mudando, os vikings se enraizavam na sociedade local com suas representações patrióticas, mas agora com novas delimitações, mais objetivas.

## Considerações finais: a arqueologia viking e a nação dinamarquesa

Podemos enquadrar inicialmente a obra de Worsaae em uma perspectiva genérica dos usos nacionalistas da arqueologia oitocentista, estritamente relacionada com a revolução liberal dos anos 1820 a 1860, quando houve uma ênfase nas noções de Nação, raça e linguagem (Díaz-Andreu, 2007, p. 338-367). Mas também, no decurso deste artigo, percebemos algumas pequenas diferenças contextuais ao longo de sua carreira, que podemos sintetizar em três etapas.

Num primeiro momento (1843 a 1845), Woorsaae se inseriu no processo de institucionalização da arqueologia na Dinamarca, fazendo frente aos estudos de antiquaristas e de historiadores. Nesse momento houve choques entre os discursos e os métodos para se estudar o passado, tendo os arqueólogos se sobressaído em contraposição às interpretações literárias (e antiquaristas) sobre a cultura material.

Num segundo momento (1846 a 1864), Worsaae recebeu apoio institucional, sendo a sua obra uma clara tentativa do Estado dinamarquês de se impor em um cenário acadêmico internacional (e em particular, no britânico), apresentando um país desenvolvido, moderno e civilizado que tinha um passado digno de estudo (no caso, o passado viking). De outro lado, o Estado dinamarquês buscava, por meio das pesquisas arqueológicas, definir os seus limites territoriais com relação às pretensões expansionistas da Confederação Germânica e seus apoiadores dinamarqueses, na região sul do país.

E a obra final de Worsaae (1865 a 1873) foi marcada por uma profunda influência do pós-guerra, quando a Dinamarca perdeu as regiões em litígio do Eslésvico. Suas publicações procuraram enfatizar objetos da Era Viking como marcos especiais para a recordação de uma identidade e orgulho nacional. E, também nesse sentido, os “monumentos” (em especial a pedra rúnica de Jelling) podiam ser importantes símbolos desse passado idealizado, demarcando a origem dinamarquesa no passado distante. Em nossos dias, o passaporte dinamarquês carrega a ilustração de uma face dessa pedra, sendo que certamente Worsaae teve um papel decisivo na consolidação do viking como um verdadeiro mito de origem do país.

## Referências bibliográficas

### Fontes primárias

- EGERTON, F. Introduction. In: THOMSEN, C.J. *Guide to Northern archaeology*. London: Haymarket, 1848. p. iii-xvi.
- FABRICIUS, A.K. *Illustreret Danmarkshistorie for Folket*, v. I e II. Kjøbenhavn: Rittendorff & Aagaard, 1854.
- FERRALL, James Stephen. *Dansk-Engelsk Ordbog*. Kjøbenhavn: Gyldendalske Boghandlings Forlaga, 1845.
- GROTH, Peter Olsen. *A Danish and Dano-Norwegian Grammar*. Boston: D.C. Heath & Co, 1894.
- HURE, C. *Considérations sommaires sur l'origine des amas de coquillages de la côte du Brésil*. Dona Francisca (SC), 10 fev. 1865. IHGB, lata 15, doc. 9, manuscrito. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1865.
- MONTELIUS, O. *Om lifvet i Sverige under hednatiden*. Stockholm: Norstedt & Söner, 1873.
- MONTELIUS, O. *The civilisation of Sweden in heathen times*. Trad. Francis Henry Woods. London: MacMillan, 1888.
- MUNCH, P.A. *Norges, Sveriges og Danmarks: Historie til Skolebrug*. Christiania: Johan Dahl, 1838.
- MUNCH, P.A. *Undersøgelser angaaende Danmarks ethnographiske Forhold i de ældste Tider og om Eensartetheden i Danmarks Befolkning. Annaler for nordisk Oldkyndighed og Historie*, p. 216-335, 1848.
- MUNCH, P.A. *Nordmændenes ældste gude-og helte-sagn ordnede og fremstillede*. Christiania: P.F. Steensballe, 1854.
- PETERSEN, N.M. *Danmarks Historie i Hedenold*. v. I. Kjøbenhavn: Schubothes Boghandling, 1834.
- PETERSEN, N.M. *Udsigt over de ældste toge fra Norden til Irland. Annaler for Nordisk Oldkyndighed (og historie)*, v. I, p. 1-17, 1836-1837.

- SPALDING, P.C. *History of Scandinavia from the early times of the Norsemen and Vikings to the present day*. New York: Pudney & Russell, 1858.
- STEPHENS, G. (Tradutor). *Bihang till Frithiofs saga*. Stockholm: M.A. Bonnier, 1841.
- STEPHENS, G. *Revenge, or Woman's love: a melodrama in five acts*. Copenhagen: C.G. Iversen; London: R. Smith, 1857.
- STEPHENS, G. *The Old-northern runic monuments of Scandinavia and England*. v. I. London: John Russell Smith; København: Michaelson and Tillge, 1866-1867.
- STEPHENS, G. *Handbook of the Old-Northern runic monuments of Scandinavia and England*. London: Thiele, 1884.
- THOMSEN, C.J. *Ledetraad til Nordisk Oldkyndighed*: udgiven af det kongelige Nordiske Oldskrift. Kjöbenhavn: S.L. Møllers, 1836.
- THOMSEN, C.J. *Guide to Northern archaeology*. Trad. do conde de Ellesmere. London: Haymarket, 1848.
- WERLAUFF, E.C. Om de Gamle Nordboers Bejkjendtskab med den Pyrenæiske Halvöe. *Annaler for Nordisk Oldkyndighed* (og historie), v. I, p. 18-61, 1836-1837.
- WORSAAE, J.J.A. *Danmarks Oldtid oplyst ved Oldsager og Gravhøie*. Kjöbenhavn: Klein, 1843.
- WORSAAE, J.J.A. *Dänemarks Vorzeit durch Altherthümer und Grabhügel beleuchtet*. Trad. N. Bertelsen. Copenhagen: C.A. Reitzel, 1844a.
- WORSAAE, J.J.A. *Runamo og Braavalleslaget: Et Bidrag til archæologisk Kritik*. Kjöbenhavn: C.A. Reitzel, 1844b.
- WORSAAE, J.J.A. An account of the formation of the museum at Copenhagen, and general remarks on the classification of the antiquities found in the north and west of Europe. *Proceedings of the Royal Irish Academy*, v. 3, 1847, p. 310-315; 327-344,
- WORSAAE, J.J.A. *Danevirke: danskhedens gamle grændsevold mod syden*. Kjöbenhavn: C.A. Reitzel, 1848.
- WORSAAE, J.J.A. *Om en forhistorisk, saakaldet "tydsk" Befolkning i Danmark: Med Hensyn til Nutidens politiske Bevægelser*. Kjöbenhavn: CA. Reitzel, 1849a.
- WORSAAE, J.J.A. *The primeval antiquities of Denmark*. Trad. William John Thoms. London: J.H. Parker, 1849b.
- WORSAAE, J.J.A. Jernalderens Begyndelse i Danmark, oplyst gennem Gravfund. *Annaler for nordisk Oldkyndighed og Historie*, p. 358-362, 1850.
- WORSAAE, J.J.A. *Minder om de Danske og Nordmændene i England, Skotland og Irland*. Kjöbenhavn: C.A. Reitzel, 1851.
- WORSAAE, J.J.A. *An account of the Danes and the Norsemen in England, Scotland and Ireland*. London: John Murray, 1852.
- WORSAAE, J.J.A. *Afbildninger fra det Kongelige museum for nordiske oldsager i Kjöbenhavn*. Kjöbenhavn: Kittendorff & Aagaards Forlag, 1854.
- WORSAAE, J.J.A. *Nordiske oldsager i det Kongelige museum i Kjöbenhavn*. Kjöbenhavn: Thieles, 1859.
- WORSAAE, J.J.A. *Den danske erobring af England og Normandiet*. Köpenhavn: Gyldendalske Boghandling, 1863.
- WORSAAE, J.J.A. *Om Slesvigs eller Sønderjyllands oldtidsminder: en sammenlignende undersøgelse*. Kjöbenhavn: H. Schultz, 1865.
- WORSAAE, J.J.A. The Antiquities of South Jutland or Sleswick. Trad. August Gosch. *Archaeological Journal*, v. 23, p. 21-121, 1866.
- WORSAAE, J.J.A. *De danskes kultur i vikingetiden*. Kjöbenhavn: Thieles Bogtrykkeri, 1873.
- WORSAAE, J.J.A. Discours prononce par J.J.A. Worsaae, vice-president, devant las Societe Royal des Antiquaires du Nord a l'occasion du 50 ieme anniversaire de sa fondation, dans la seance du 28 Janvier 1875, au chateau d'Amalienborg. *Mémoires de la Société Royale des Antiquaires du Nord*, p. i-xxxix, 1872-1877.

- WORSAAE, J.J.A. *La civilisation danoise à l'époque des Vikings*. Trad. L. Morrilot. Copenhague: Thiele, 1880a.
- WORSAAE, J.J.A. On the preservation of national antiquities and monuments in Denmark. Trad. A.F. Franks. *Proceedings of the Society of Antiquaries of Scotland*, v. 14, p. 348-362, 1880b.
- WORSAAE, J.J.A. *Nordens forhistorie: efter samtidige mindesmaerker*. Kjöbenhavn: Gyldendalske Boghandels, 1881.
- WORSAAE, J.J.A. *The industrial arts of Denmark: from the earliest times to the Danish conquest of England*. London: Chapman and Hall, 1882.
- WORSAAE, J.J.A. *The Pre-history of the North: Based on contemporary memorials*. Trad. H.F. Morland Simpson. London: Trübner, 1886.

### Fontes secundárias

- ADRIANSEN, I.; JENVOLD, B. Danske myter: fra dronning Thyre til krigen i 1864. *Fortid og Nutid*, v. 1, p. 5-49, 1998.
- ALLEN, J. Remembering the Schleswig War of 1864. *The Bridge*, v. 37, n. 1, p. 53-70, 2014.
- BAHN, P.G. *The Cambridge illustrated history of archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- BIRRO, R.M. O problema da temporalidade para os estudos da Europa Nórdica: a "Era Viking". *Nearco*, v. 6, p. 228-254, 2013.
- BIRRO, R.M. As representações das *runestones* entre os antiquários escandinavos (sécs. XVI-XVII). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2015. p. 1-11.
- BOYER, Régis. Le mythe Viking dans les lettres Françaises. Paris: Editions du Porte-Glaive, 1986.
- BRIGGS, C.S. C.C. Rafn, J.J.A. Worsaae, archaeology, history and Danish national identity in the Schleswig-Holstein question. *Bulletin of the History of Archaeology*, v. 15, n. 2, p. 4-25, 2005.
- BRINK, S. Who were the Vikings? In: BRINK, S.; PRICE, N. (eds.). *The Viking world*. London: Routledge, 2008. p. 4-7.
- CALAZANS, M.O. *Os sambaquis e a arqueologia no Brasil do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.
- CHRISTIANSEN, E. *The Norsemen in the Viking Age*. London: Blackwell, 2002.
- DELGADO, A.R. Dragones del mar: el barco vikingo en el cine. In: MARCHENA, O.L. (org.). *El cine va de viaje*. Paris: Université Paris Sud, 2019. p. 81-95.
- DÍAZ-ANDREU, M. Nacionalismo y arqueología: el contexto político de nuestra disciplina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, n. 11, p. 3-20, 2001.
- DÍAZ-ANDREU, M. *A world history of nineteenth-century archaeology: Nationalism, colonialism, and the past*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- DÍAZ-ANDREU, M. Archaeology and Imperialism: From nineteenth-century New Imperialism to twentieth-century decolonization. In: EFFROS, B.; LAI, G. (eds.). *Unmasking ideology in imperial and colonial archaeology: Vocabulary, symbols, and legacy*. Los Angeles: UCLA; Cotsen Institute Press, 2018. p. 28-64.
- DÍAZ-ANDREU, M.; CHAMPION, T. Nationalism and archaeology in Europe: as introduction. In: DÍAZ-ANDREU, M.; CHAMPION, T. (eds.). *Nationalism and archaeology in Europe*. London: Routledge, 1996. p. 1-23.
- DOBAT, A.S. Danevirke Revisited: An investigation into military and socio-political organisation in South Scandinavia (c. AD 700 to 1100). *Medieval Archaeology*, v. 52, p. 27-67, 2008.
- FÉO, C.A. As incursões vikings sob um novo olhar: para uma Era viking global. *Scandia Journal of Medieval Norse Studies*, v. 3, p. 626-654, 2020.
- FÉO, C.A. "Por que esse raio terrível caiu sobre nós vindo do extremo Norte?": uma história global das incursões vikings (séculos VIII-X). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022a.

- FÉO, C.A. Do campo de batalha aos mercados: diretrizes de uma crítica à atividade comercial como pacificadora do viking. *Roda da Fortuna*, v. 11, n. 1, p. 177-207, 2022b.
- FÉO, C.A.; GUZZO, P.Z. Por uma crítica à naturalidade das cronologias: configurando um melhor enquadramento conceitual da periodização na escandinavística. *Scandia Journal of Medieval Norse Studies*, v. 5, p. 274-299, 2022.
- GERVEN, T.V. *Scandinavism: overlapping and competing identities in the Nordic world, 1770-1919*. Amsterdam: Ridderprint BV, 2020.
- GJERLØFF, A.K. Syn for sagn: Dansk arkæologi og historie i 1800-tallet. *Historisk Tidsskrift*, p. 406-445, 1999.
- GRAHAM-CAMPBELL, J. *Viking art*. London: Thames & Hudson, 2018.
- GRIFFITH, P. *The viking art of war*. London: Greenhill Books, 1995.
- HALL, R. *Viking Age archaeology*. Oxford: Shire, 1995.
- HANSEN, M.P. Early Scandinavian archeology: Thomsen, Nilsson and Worsaae. ANTH 2501, *Principles of Archeology*, p. 1-10, 2020.
- HARE, J.L. *Excavating Nations: Archaeology, museums, and the german-danish bordelands*. Toronto: University of Toronto Press, 2015.
- HEMMET, M.K. Ved dem ligger Oldtiden ligesom aabenbaret for vore Øin: Danske arkæologers tolkninger af stendysser i 1800-tallet. *KUML: Årbog for Jysk Arkæologisk Selskab*, n. 66, p. 9-32, 2017.
- HERMANSEN, V. J.J.A. *Worsaae: En Oldgranskers Erindringer*. København: Gyldendalske Boghandel, 1934.
- HERMANSEN, V. J.J.A. *Worsaae: Af en Oldgranskers Breve, 1848-1885*. København: Gyldendalske Boghandel, 1938.
- HOBSBAWM, E.J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- KRISTIANSEN, K. A social history of Danish Archaeology. In: LOZNY, L.R. (ed.). *Comparative archaeologies: A sociological view of the science of the past*. London: Springer, 2011. p. 79-107.
- LANGER, J. Os sambaquis e o Império: escavações, teorias e polêmicas, 1840-1889. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, n. 11, p. 35-53, 2001.
- LANGER, J. Viking. In: LANGER, J. (org.). *Dicionário de história e cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018a. p. 706-718.
- LANGER, J. Era Viking. In: LANGER, J. (org.). *Dicionário de história e cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018b. p. 212-220.
- LANGER, J. Horned, barbarian, hero: The visual invention of the Viking through European art (1824-1851). *Scandia: Journal of Medieval Norse Studies*, v. 4, p. 131-180, 2021. (Dossier Norse Myths in the artistic reception)
- LANGER, J. Quando o mito foi história: os usos da mitologia nórdica no livro "História ilustrada da Dinamarca para o povo" (1854). *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, v. 19, n. 2, p. 139-167, 2022.
- LANGER, J.; MENINI, V.B. A invenção literária do nórdico: *Vikingen* ("O viking"), de Erik Gustaf Geijer (1811). *Scandia: Journal of Medieval Norse Studies*, n. 3, p. 709-738, 2020. (Dossiê Traduções vikings e mitos nórdicos na recepção literária ocidental, 1750-1900)
- LAURING, P. *A history of Denmark*. Copenhagen: Høst & Søn, 2015.
- LUNA FILHO, P.E. *Peter Wilhelm Lund: o auge das suas investigações científicas e a razão para o término das suas pesquisas*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- MCLEOD, S. Know thine enemy: Scandinavian identity in the Viking Age. In: *Vikings and their enemies: Proceedings of a symposium held in Melbourne*, 2007. p. 3-16.
- MEDEIROS, E.O.S. Dinamarqueses, daneses ou vikings? Problemas metodológicos e identitários na Alta Idade Média inglesa. *Roda da Fortuna*, v. 9, n. 2, p. 157-181, 2020.

- MONRAD, K. *Mellem guder og helte: historienmaleriet i Rom, Paris og Kobenhavn, 1770-1820*. Copenhagen: Statens Museum for Kunst, 1990.
- MOOSBURGER, T.B. *Lendo em nórdico*, v. I. Curitiba: Kotter Editorial, 2023.
- ODERDENG, S.H. O poder real nas pedras rúnicas de Jelling. In: FONSECA, J.F.; SANCHEZ, M.D.; SILVA, I.A. (orgs.). *III Jornada de Estudos Medievais: Idade Média e História Global*. São Paulo: Pensante, 2021. p. 309-334.
- ORDBOG: *Den Danske Ordbog*. København: Det Danske Sprog og Litteraturselskab, 2022. Disponível em: <https://ordnet.dk/ddo>. Acesso em: 5 jan. 2024.
- ORDBØKENE: *Bokmålsordboka og Nynorskordboka*. Universitetet i Bergen, 2022. Disponível em: <https://ordbokene.no>. Acesso em: 5 jan. 2024.
- ØDEGAARD, V. Mellem sagnhistorie, videnskab og nationalpolitik: Om arkæologen J.J.A. Worsaae og hans faglige diskussioner 1840-1850. *Fortid og Nutid*, p. 1-23, 1994.
- PALMSKOV, K.P. Vikingetiden: langtfra kun vikingernes tid En historiografisk undersøgelse af vikingetiden og vikinger fra år 1800 til 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Roskilde Universitet, Roskilde, 2018.
- PEIRCE, I. *Swords of the Viking Age*. London: Boydell Press, 2002.
- PENTS, P. The Three Age System, the Age of Man, Denmark and Berlin. In: BERGVELT, E. (ed.). *Museale Spezialisierung und Nationalisierung ab 1830: das Neue Museum in Berlin im internationalen Kontext*. Berlin: G+H Verlag, 2011. p. 105-119.
- PILØ, L; SKRE, D. Exploring Kaupang and Skiringssal, 1867-1999. In: DAGFINN, S. (ed.). *Things from the town: artefacts and inhabitants in Viking-age Kaupang*. Aarhus: Aarhus University Press, 2011. p. 17-20.
- POULSEN, J. *Vikingetid i Danmark*. København: Københavns Universitet, 2012.
- PRICE, N. *Vikings: a história definitiva dos povos do norte*. São Paulo: Crítica, 2021.
- RIX, R.W. Letters in a strange character: Runes, rocks and Romanticism. *European Romantic Review*, v. 16, n. 5, p. 589-611, 2005.
- RIX, R.W. In darkness they grope: Ancient remains and Romanticism in Denmark. *European Romantic Review*, v. 26, n. 4, p. 435-451, 2015.
- ROESDAHL, E. *Viking Age Denmark*. London: British Museum Publications, 1982.
- ROESDAHL, E. Vikingerne i dansk kultur. *Fortid og Nutid*, v. 2, p. 158-172, 1994.
- SCHIØLER, C. *Engelsk-Dansk/Dansk-Engelsk Ordbog*. Copenhagen: Gyldendal, 2018.
- SØRENSEN, V. Jernalder før og nu. In: *Oldtidens ansigt*. København: Jysk Arkæologisk Selskab, 1990. p. 88-95.
- SØRENSEN, M.L.S. The fall of a nation, the birth of a subject: The national use of archaeology in nineteenth-century Denmark. In: DÍAZ-ANDREU, M.; CHAMPION, T. (eds.). *Nationalism and archaeology in Europe*. London: Routledge, 2015. p. 24-47.
- SVANBERG, F. *Decolonizing Viking Age*. Lund: Almqvist & Wiksell International, 2003.
- TRIGGER, B.G. *História do pensamento arqueológico*. São Paulo: Odysseus, 2004.
- VENÂNCIO, Y.F. Inscrições rúnicas. In: LANGER, J. (org.). *Dicionário de história e cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018. p. 415-423.
- WAWN, A. *The Vikings and the Victorians: inventing the Old North in the 19th-century Britain*. London: D.S. Brewer, 2002.

Recebido em 08/07/2024

Aceito em 04/10/2024